

# O BARRO, OS RIOS E AS CERÂMICAS

SATUBA E SUAS CHAMINÉS  
ATRAVÉS DO TEMPO

Uma história de como a atividade e a arte ceramistas moldou os caminhos dessa cidade alagoana

**JORGE FILHO**



*A estrutura da antiga cerâmica Satuba Engenho: algumas das chaminés são tombadas como patrimônio da cidade*

PRESENTE NOS TEXTOS BÍBLICOS COMO METÁFORA DO INÍCIO DA CRIAÇÃO DO MUNDO, O BARRO É UMA DAS MAIS ANTIGAS MATÉRIAS-PRIMAS DO PLANETA. DA CONSTRUÇÃO DE CASAS À FABRICAÇÃO DOS MAIS DIVERSOS UTENSÍLIOS, SUA HISTÓRIA REGISTRA TAMBÉM A TRAJETÓRIA HUMANA. EM ALAGOAS, A CIDADE DE SATUBA, A 21 KM DE MACEIÓ, ESTÁ INSCRITA NA HISTÓRIA DA ARTE CERAMISTA NORDESTINA, EMBORA SEU APOGEU JÁ SEJA UM FATO PASSADO. O RECENTE PEDIDO DE DEMOLIÇÃO DE PARTE DE UMA CHAMINÉ DE UMA DE SUAS ANTIGAS INDÚSTRIAS E O SUBSEQUENTE TOMBAMENTO DESSAS ESTRUTURAS ACENDEU O ALERTA PARA A NECESSIDADE DO RESGATE DESSA PARTE DA HISTÓRIA, FUNDAMENTAL NA FORMAÇÃO DA CIDADE.

SÃO FATOS TÃO MARCANTES QUE ACABARAM POR INFLUENCIAR NÃO SÓ A TRAJETÓRIA SOCIOECONÔMICA DO MUNICÍPIO, MAS TORNARAM-SE PARTE DOS SEUS SÍMBOLOS - O NOME DA CIDADE, SUA BANDEIRA E SEU HINO HOMENAGEIAM ESSA TRADIÇÃO LIGADA AO BARRO. NESTA REPORTAGEM ESPECIAL, RESGATAMOS UM POUCO DA MEMÓRIA QUE RELACIONA SATUBA A UMA DAS ARTES MAIS ANTIGAS JÁ INVENTADAS PELA HUMANIDADE.

**L**ocalizada a 22 km de Maceió, a cidade de Satuba comemorou, em 2020, 60 anos de sua emancipação política, quando então fazia parte do município de Rio Largo. Apesar de ser um município jovem quando comparado a outras cidades brasileiras, essa localidade tem uma presença que

remonta aos engenhos e senzalas e aos povos originários que já habitavam todo o território nacional quando os europeus chegaram por aqui. Como se sabe, grande parte de Alagoas era habitada pelos povos indígenas Caetés. Vem daí o registro mais remoto dessa localidade que se tornaria uma passa-

gem de viajantes vindo de todos os lugares do Brasil e que cruzam Alagoas pela rodovia BR-316. Aliás, muito antes dessa rodovia, Satuba já era passagem da linha férrea, com sua monumental importância para o desenvolvimento do Estado e a ligação com outras localidades do Nordeste. Até o es-

critor alagoano Graciliano Ramos esteve por essa pequena localidade, na qual já existia a agora centenária Escola Agrotécnica (Instituto Federal de Alagoas – Campus Satuba). A passagem do escritor se deu quando foi preso pelo regime militar e está registrada em seu livro Memórias do Cárcere. Essa região é cruzada por um rio de grande importância para a zona

da mata alagoana, o rio Mundaú, que passando na localidade recebe as águas do afluente, rio Satuba, de onde vem o nome do município. A região, repleta de várzea, serviu de localidade para instalação de engenho de cana de açúcar e, posteriormente, chegamos ao período da atividade ceramista, de muitas olarias e grandes cerâmicas, tempo áureo de prosperidade que re-

sultou, enfim, no desmembramento deste município da comarca de Rio Largo. É aqui que começa a história das chaminés da cidade de Satuba, da arte ceramista e do surgimento de uma população que traz em sua trajetória e símbolos cívicos, a marca deixada pela economia e renda que nasce do barro.

# A ORIGEM DO NOME E AS VÁRZEAS DE SATUBA



*Região de várzea formada pelo encontro dos rios Satuba e Mundaú*

**A**inda hoje, ao passar em Satuba, é possível ver na ponte da BR-316, na saída da cidade, a várzea formada pelo encontro do rio Mundaú e o rio Satuba. Foi nessa região que se instalaram as três maiores cerâmicas da cidade. Mas antes mesmo de falar sobre as cerâmicas e as olarias, é preciso voltar no tempo até o início da colonização das terras brasileiras, quando em Alagoas habitavam os povos originários de etnia Caeté. O motivo principal é

para desfazer um equívoco sobre a origem do nome da cidade e fazer o elo entre esse lugar que deu origem às olarias e cerâmicas com toda a identidade visual e cultural que permaneceram na história e nos símbolos da cidade.

Quem morou e estudou em Satuba conhece uma versão sobre a origem do nome da cidade, segundo a qual, o nome Satuba originou-se porque na região havia muitas formigas do gênero saúva e, pela dificuldade na fala, passaram

a falar Satuba. A falta de registros históricos da cidade pode ter levado ao surgimento dessa versão equivocada. Basta consultar os mapas do início do século XX e verificar que o rio Satuba já tinha esse nome. Além disso, existe todo um contexto de nomenclatura de rios, lagoa, praias, localidades, todas batizadas pela língua local dos povos originários, que pode ser classificada no que hoje conhecemos por tupi-guarani. Fora isso, alguns nomes foram alterados para

nome de santos católicos, devido à colonização portuguesa. O rio São Francisco, por exemplo, era chamado de Opará (rio-mar) pelos povos originários. O nome da cidade, de fato, vem do rio Satuba e, por conseguinte, é a possibilidade de mais plausível e que tem total relação com a história do Brasil e de Alagoas. Sabe-se também que rios como o próprio Mundaú, que se encontra com o rio Satuba, o rio Paraíba, o rio Catolé e tantos outros, têm a origem de sua denominação derivada do tupi-guarani.

Também não são poucas as localidades que levam nomes de rios oriundos do tupi-guarani e que guardam similaridades com a formação do topônimo Satuba. Só para citar dois exemplos, as cidades de Mogi Guaçu (por coincidência, essa cidade, inclusive, é conhecida como “a antiga capital da cerâmica”) e Foz do Iguaçu. Em tupi antigo, segundo o dicionário de Moacyr Ribeiro de Carvalho (1987), a partícula “y” significa rio, e “açú”, grande/grosso. Existe ainda uma outra palavra do tupi que dá explicação para a segunda parte da palavra Satuba, que é a partícula “tyba”, mostrada por alguns dicio-

nários de tupi como “tyba/tuba”, do tupi cheio, abundante, também presente em algumas localidades no Brasil como Itaquaquecetuba e Indaiatuba, as duas no estado de São Paulo, entre outras.

O fato é que, com a junção dessas palavras em tupi temos, “y+ açú + tuba” e, por corruptela da língua, chega-se ao topônimo Satuba, a mais plausível origem que deu o nome ao rio Satuba, muitos anos antes do surgimento de uma povoação onde hoje fica a cidade. Curiosamente, ainda no dicionário de Moacyr Ribeiro, encontramos o termo “y-açap-tyba”, que quer dizer, “é costume passar o rio”. Se pegarmos as palavras “y+ açú + tuba” ao pé da letra chegamos a uma tradução aproximada de “rio grande cheio ou abundante”. De fato, a várzea do encontro do rio Mundaú e rio Satuba é um grande vale plano que, em períodos chuvosos fica inundado, a ponto de, em alguns anos, encobrir as pontes da BR 316. É possível, inclusive, ver da lateral da BR 316 todo o vale alagado em grandes períodos de chuva. Na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, de 1959, cita-se “o volumoso

rio Satuba chega ao Mundaú”, fazendo referência às características de um rio Satuba que não é o que vemos hoje, quase desaparecido na paisagem de pastos.

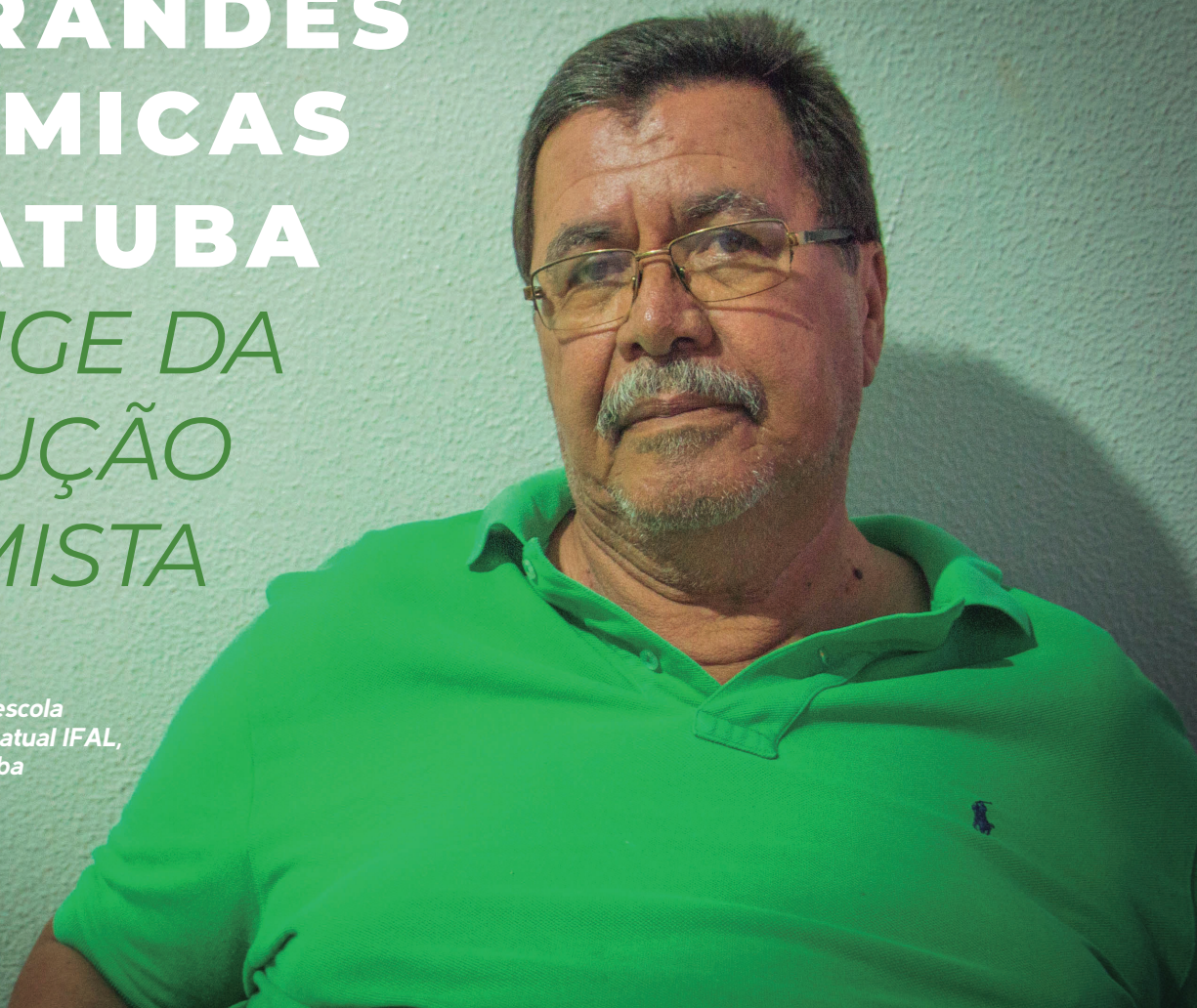
Essa versão é sustentada por alguns moradores mais antigos da cidade, como o professor Ramildo Alves Vieira, que nasceu na divisa entre Satuba e Maceió e foi professor da escola Agrotécnica do município. Foi também vice-prefeito da cidade, de 1989 a 1992. O professor Ramildo já contribuiu com parte do seu conhecimento da cidade para construção do livro *Nos trilhos da Memória... Cem anos do Ifal Campus Satuba*. Segundo o professor, a tradição popular dos mais antigos da cidade relata que as tribos que habitavam as margens da várzea chamavam o lugar de “yassatuba”, como já foi dito, grande rio cheio. Aí está todo elo da origem da cidade e da futura origem das olarias e cerâmicas de Satuba, pois é nessa várzea que, ainda hoje, se retira a argila, matéria-prima para a produção cerâmica que atualmente se mantém em meio a muitas dificuldades.



*O cotidiano nos arredores da antiga cerâmica São Bento, onde a rotina barulhenta e agitada dos tempos de grande produção ceramista foram substituídos por tardes tranquilas de papos nas calçadas e crianças brincando pelas ruas*

# AS GRANDES CERÂMICAS DE SATUBA E O AUGUE DA PRODUÇÃO CERAMISTA

*Ramildo Alves Vieira,  
professor aposentado da escola  
Agrotécnica do município, atual IFAL,  
e ex-vice prefeito de Satuba*



A primeira grande atividade econômica na região foi o ciclo da cana. Satuba chegou a pertencer a Santa Luzia do Norte, a 23 km de Maceió, e depois foi anexada ao território de Rio Largo, distante 27 km da capital. Nessa região, ainda é comum, nos dias de hoje, encontrar grandes plantações de cana-de-açúcar até mesmo nas proximidades das antigas cerâmicas. Aliás, a maior delas, com ruínas ainda não totalmente demolidas, a São Bento, fica na localidade conhecida como Satuba Engenho, onde, no passado, dizem ter havido uma senzala no local, embora não existam fontes oficiais que atestem a veracidade dessa informação. Essa é a região de várzea onde se encontram os rios Satuba e Mundaú, local onde as três grandes cerâmicas surgiram: a própria São Bento, a Santa Rita e a Satuba. Elas, porém, não eram as únicas a

produzirem materiais a partir do barro.

Segundo o professor Ramildo, nessa época de grande atividade ceramista não havia desemprego em Satuba, pois as cerâmicas absorviam toda a mão de obra da cidade. “Além das três grandes cerâmicas, existiam as de menor porte. Devem ter sido em torno de umas 40 olarias. Outras ainda de menor porte eram chamadas de latadas, pois só faziam o tijolo coberto com uma palha”. Todo esse cenário mostra o quanto o período movimentava a cidade economicamente e, também, atraía pessoas de outras localidades que se mudavam em busca de oportunidade. Dessa forma, o povoado foi crescendo em número de habitantes, tanto que culminou na emancipação política para se desmembrar de Rio Largo, ocorrida em 17 de agosto de 1960. Ainda sobre a grande época das

cerâmicas, um antigo morador da cidade, João José Ferreira, mais conhecido como João Emídio Filho, também traz várias recordações desse período tão importante para a economia de Satuba. João Emídio, agora com 60 anos, já foi vereador da cidade por alguns mandatos. Além da sua ligação política com Satuba, ele também fez parte desse ciclo ceramista, já que ainda criança, ajudava o pai na fabricação de tijolos, na cerâmica São Bento. Colocava a lenha para queimar nos fornos enquanto seu pai fazia o que eles chamavam de “sinter”, uma analogia ao processo de calcinação na fabricação de refratários, formando, assim, o forno onde telhas e tijolos eram queimados. Segundo João, a atividade era tão intensa que fabricavam tijolos até durante a noite, com descarregamentos ocorrendo à meia noite, por exemplo. Ele descreve o local



*Vasos vendidos às margens da BR 316, confeccionados pelo artesão Paulo da Caqueira (Paulo Vicente da Silva)*

de trabalho como exaustivo, devido a longas jornadas de quase 24 horas por dia. “Era um trabalho pesado. As mulheres trabalhavam agachadas, preenchendo as formas de tijolo. O terreno era cheio de poeira para os tijolos não ‘colarem’ uns nos outros. Não sei como as pessoas conseguiam trabalhar desse jeito”, conta. Depois começou-se a utilização de máquinas para fabricar os “tijolos moles”, também chamados de “tijolo verde”, que eram postos para secar ao ar livre e só depois serem queimados no forno. Isso permitiu um aumento

significativo da produção.

Toda essa expansão da atividade ceramista de Satuba tem uma razão e que nos traz não só a toda essa trajetória histórica ligada às atividades das cerâmicas, mas também à arte ceramista que resiste nas mãos de artesãos da cidade, como o Djalma Francisco de Paula e o Paulo Vicente da Silva, mais conhecido como Paulo da Caqueira. A região de encontro dos rios Satuba e Mundaú forma a várzea de onde até hoje se extrai barro para fabricação de peças cerâmicas. A área ficou conhecida não só pela

quantidade, mas também pela ótima qualidade do barro encontrado ali. A proximidade das principais cerâmicas da época com essa região de várzea permitia que a produção fosse feita em grande escala e praticamente sem interrupção, como fizeram questão de destacar os entrevistados aqui citados.

Segundo o professor Ramildo Vieira, quando ainda era vice-prefeito da cidade, uma empresa de São Paulo analisou a qualidade do barro extraído em Satuba e verificou que era uma matéria-prima de alta qualidade e que po-



deria ser utilizada na produção de peças muito além das até então produzidas - por exemplo, para a produção de louças e vasos sanitários. O professor conta que foi testemunha presencial do alcance dos produtos cerâmicos fabricados na cidade: “Em uma de minhas viagens fui até Fortaleza e, por curiosidade, olhei uma telha da cobertura de uma igreja, próximo ao estádio do Castelão, e vi a inscrição “Cerâmica Satuba”, para você ter uma ideia do alcance do que era produzido. São quase mil quilômetros de distância daqui até Fortaleza”, acrescentando que muitas foram as cidades e capitais do Nordeste onde podia se encontrar as peças produzidas pelas cerâmicas de Satuba.

Depois de algumas décadas, na transição entre os anos 1990 e os anos 2000, alguns fatos levaram à diminuição da produção de cerâmica até o fechamento das principais fábricas que formavam o parque ceramista de Satuba. Um dos fatos citados por alguns dos entrevistados está ligado à mudança de herdeiros e as questões de disputa judicial pelas terras onde funcionavam as cerâmicas. Outro fator muito citado e que é associado não só à decadência das cerâmicas, mas também a de outras

atividades em Alagoas, é a competitividade frente ao ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), cobrado em Alagoas em relação ao que é cobrado em outros estados, a exemplo de Sergipe, concorrente direto na produção de cerâmicas.

Pare se ter uma ideia da dimensão da crise que culminou no fechamento das cerâmicas, João Emídio Filho relatou que “a indenização dos trabalhadores dispensados na época chegou a ser paga com pisos produzidos nas próprias cerâmicas”. O atual prefeito de Satuba, Paulo Acioly, também falou sobre essa situação financeira, não só das cerâmicas, mas também do município. Acioly destaca que era a principal fonte de arrecadação do município. “Hoje a fonte de recursos financeiros de Satuba é praticamente o FPM (Fundo de Participação dos Municípios)”, deixando evidente a limitação de geração de renda na cidade, fato este que fez Satuba, ao longo dos anos, ser chamada de “cidade dormitório”, em vista da necessidade dos moradores precisarem se deslocar diariamente para trabalhar em outras cidades, principalmente na capital Maceió.

***O prefeito Paulo Acioly, quando entrevistado no gabinete da prefeitura municipal, lembrou que as cerâmicas chegaram a ser a principal fonte de arrecadação de Satuba***



*O artesão Djalma em sua casa e local de trabalho, no momento da produção de um jarro*

# A ARTE CERAMISTA PELAS MÃOS DE DJALMA DE PAULA





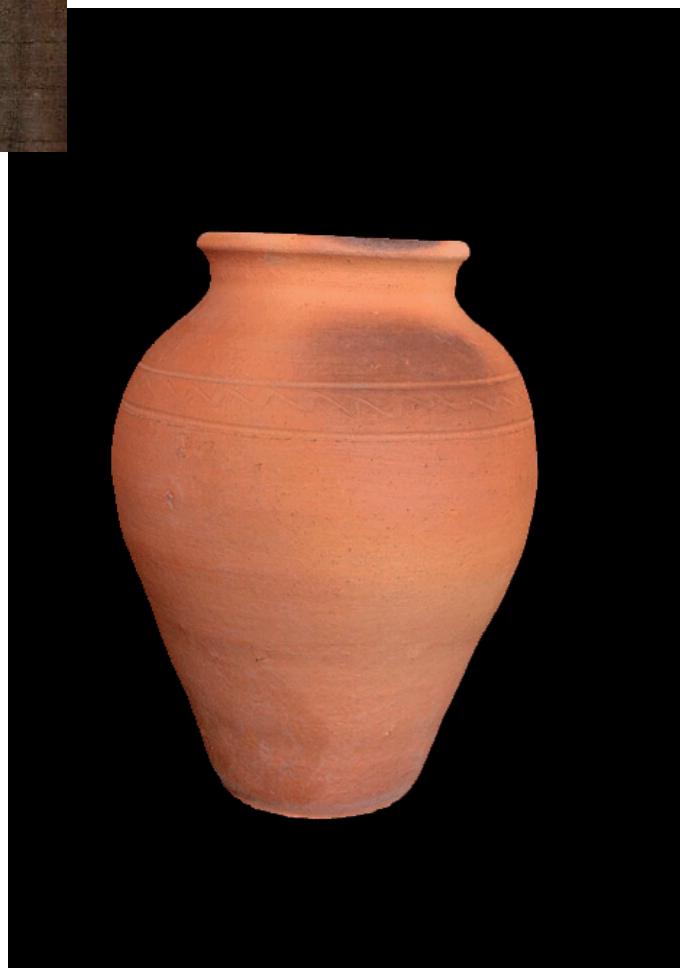


trabalhou em diversas cidades Brasil a fora. No Nordeste, ele viveu em localidades do Ceará, depois foi até a região Norte, onde, em Belém do Pará, ministrou oficinas de arte marajoara, tradição ceramista de origem indígena. Em outra fase de sua atuação, Djalma passou um bom tempo no Sudeste, onde trabalhou em Ourinhos e depois em Itaboraí, no Rio de Janeiro.

Foi quando estava no Rio de Janeiro que Djalma despertou a vontade de voltar para sua terra, Pernambuco. Depois de muitos pedidos por parte dos seus empregadores para que ele não deixasse o trabalho lá, o artesão tomou um ônibus interestadual. Ele relata que não havia ônibus direto para Recife e que deveria ir até Macaí e, de lá, tomar outro ônibus até Recife. Como já havia morado e trabalhado no interior de Alagoas, decidiu seguir viagem nesse ônibus mesmo.

**Fotos: Ricardo Lêdo**

**M**esmo depois de anos e passando pelo processo de falência das grandes cerâmicas, a arte ceramista resiste pelas mãos de artesãos independentes, que continuam produzindo peças com o barro de Satuba. Eles são parte da memória viva dessa história e uma prova de que essa trajetória tem raízes profundas e permanentes no cotidiano do município. Djalma Francisco de Paula é um dos artesãos que traz consigo as memórias da época em que as cerâmicas de Satuba viveram seu período mais pungente. Nascido no município de Tracunhaém, em Pernambuco, cidade que se destaca na arte ceramista, Djalma ainda com 7 anos de idade começou a aprender a arte ceramista em uma olaria, produzindo peças para serem utilizadas como utensílios diversos, como pratos e cabaças, ou seja, algo ainda muito longe das suas obras, que se destacam hoje como valiosas peças ornamentais. Depois de sair de Tracunhaém, Djalma conta que ganhou experiência em produção de jarras e obras de arte. Foi assim que, por muitos anos, ele viajou e



*Obras de barro produzidas pelo artesão Djalma*



*Uma amostra da sofisticada obra do artesão Djalma, composta não só de utensílios de barro, mas também de peças como essas, verdadeiras obras de arte*

No início dessa jornada, Djalma de Paula não imagina que sua história iria se cruzar com a história de Satuba e suas cerâmicas. “Durante a viagem, que era cansativa, eu ficava de pé e comecei a conversar com o motorista do ônibus, e assim ficamos batendo papo até que, já próximo de Maceió, ele me fala que estávamos passando pela cidade do Pilar, depois Satuba e finalmente onde eu iria ficar, Maceió”. Ao se aproximar de Satuba, Djalma conta ter avistado as cerâmicas, que ele não fazia ideia da existência, mas percebeu que eram grandes. Foi então que pediu para o motorista parar e desceu ali mesmo. Desde então, já se passaram mais de 45 anos do dia em que ele decidiu adotar Satuba como seu lugar permanente de trabalho e moradia.

Djalma conta que, ao chegar nas cerâmicas de Satuba, encontrou muito trabalho, muita gen-

te em atividade e logo despertou a concorrência de outros ceramistas, mas, logo teria se destacado entre eles, pois segundo o artesão, “fazia 50, 60, jarras por semana. Fazia ‘serão’ e trabalhava na luz do candeeiro. Estava fazendo 20 jarras por dia na época”, lembra. Depois de muitos anos trabalhando dia e noite, fazendo parte dessa produção que parecia incansável, Djalma conta que também foi testemunha da decadência da produção das cerâmicas.

Numa tentativa de permanecer trabalhando no mesmo local, ele chegou a alugar um galpão e continuar a produção por conta própria, entretanto, com as dificuldades de permanecer no local e devido à divisão de terras, ele decidiu se mudar para outra localidade de Satuba, conhecida como Rua do Visgueiro. Lá, ele montou um torno de pé, aparato giratório para moldar o barro, e até hoje produz

peças que secam ao ambiente, sem a queima no forno. Suas peças hoje são ornamentais e reconhecidas em todo circuito de artes de Alagoas. Djalma já fez exposição no Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, em Maceió, além de palestras sobre a arte ceramista e já foi tema de livros e reportagens. Chegaram até mesmo a propor a mudança do nome da rua em que mora para seu nome, o que ele recusou, dizendo que o nome da rua tem que homenagear a grande árvore que se destaca bem próxima de sua casa, o Visgueiro. Com toda essa história entrelaçada com a trajetória ceramista em Satuba, uma parte do reconhecimento de sua arte e sua contribuição para a história da cidade veio em 13 de agosto de 2019, quando Djalma de Paula recebeu o título de cidadão honorário de Satuba, homenagem feita pela Câmara Municipal.

# SATUBA, SEUS SÍMBOLOS E O TOMBAMENTO DAS CHAMINÉS



***A bandeira do município de Satuba traz como elemento principal a imagem de uma chaminé de cerâmica, além das cores verde, em referência à cultura de cana-de-açúcar, e marrom, outra referência à atividade ceramista***

A história das cerâmicas foi algo que realmente se entrelaçou com a história do município de Satuba. As cerâmicas se tornaram elementos representativos nos símbolos cívicos do município. No Capítulo I, seção 1, Art. 6º da Lei orgânica do município de Satuba, consta que “são símbolos do município, o Brasão, a Bandeira e o Hino, representativos de sua cultura e história.” Em todos esses símbolos, as cerâmicas estão representadas por uma chaminé, ou citadas, no caso do hino.

Na bandeira, a cor verde faz referência ao ciclo da cana-de-açúcar, já que as terras onde hoje fica o município foram parte da história dos engenhos de Alagoas, desde quando pertencia à Santa Luzia do Norte e, depois, Rio Largo. A cor marrom faz referência ao ciclo do barro e à produção ceramista na cidade. Também no hino encontramos essa referência nos versos “Contemplando suas paisagens, cerâmicas, rios e coqueirais, Satuba és a pequena da terra dos marchais”.

Por essa razão, é tão importante a preservação do patrimônio material representado pelas torres das chaminés que resistiram, mesmo após o fechamento das cerâmicas. Recentemente, as chaminés foram alvo de uma ação do Ministério Público que pedia a demolição de parte de uma das torres que ameaçava desmoronar. Ao mesmo tempo, a Câmara Municipal de Satuba entrou com uma proposta, aprovada em votação, tornando oficialmente as chaminés patrimônio material e cultural do município.

# DAS ÚLTIMAS OLARIAS DE SATUBA E A FABRICAÇÃO ARTESANAL

**A**o passar pela cidade e ver as cerâmicas fechadas, muitos podem pensar que Satuba não possui mais produção de cerâmicos, o que não é verdade. Ainda próximo à antiga cerâmica São Bento, do outro lado da rodovia, numa localidade registrada como fazenda Irene, mora José Sebastião, o proprietário de olaria que ainda está em atividade, produzindo tijolos em sua propriedade. A história de José Sebastião com a produção ceramista começa ainda na sua adolescência. “Me casei com 15 anos e, na mesma idade, já era motorista, e comecei em olaria. Depois fiquei de 1968 a 1978 trabalhando com carro e larguei pra só trabalhar com olaria”, conta. Hoje, aos 74 anos, José Sebastião fala sobre as dificuldades do ramo ceramista. Segundo ele, a crise econômica que

permanece no Brasil, associado aos impostos cobrados pelo estado de Alagoas, representam um cenário de grande dificuldade para manter o negócio de tijolos, sua principal produção atualmente.

Ele relembra os bons momentos das cerâmicas em Satuba, quando o comércio era forte. José lembra que negociava com as cerâmicas, trocava lenha por tijolos, chegou a ter mais de 100 empregados e vendia todo o estoque, um verdadeiro contraste com a situação atual, marcada pela alta taxa de desemprego que se espalhou por todos os setores. Como outros entrevistados, José Sebastião também recorda eventos que foram marcantes para a crise que se instalou nas cerâmicas de Satuba, como o assassinato de dois dos proprietários dentro das próprias empresas. Outro problema que ele cita, esse referente ao seu empreendimento, é a falta de profissional para fabricação de telhas, que era uma das grandes marcas da produção ceramista de Satuba. José Sebastião



*Galpão da olaria de José Sebastião, onde os tijolos crus são armazenados antes de irem ao forno*

Zé Olhão  
98737-9152



*José Sebastião, "o Zé Olhão", proprietário de olaria em Satuba, uma das poucas ainda em funcionamento na cidade*


conta que, em seu negócio, "o artesão que fazia telhas faleceu e depois não consegui arrumar outro até hoje. Então, no lugar do galpão de fabricação de telhas construí essas casas". As casas a que ele se refere são onde também atualmente ele mora, mais afastado da parte urbana do município, e algumas delas são para aluguel.

Mesmo enfrentando as dificuldades atuais de venda do material produzido, José Sebastião não deixa de expressar sua paixão em trabalhar com a argila e produzir os tijolos: "Quando chego no local já reconheço se a argila é boa porque quando corta parece um queijo". Assim ele se refere à qualidade da argila encontrada nas várzeas que circundam sua propriedade. Além de fazer uso para fabricação

em sua olaria, também vende para outros negócios, como a realização de cerimônias de casamento e festas de santos e santas da Igreja Católica, fornecendo grandes quantidades de argila, que se usa, por exemplo, para confecção de arranjos florais e ornamentação em geral. Nas instalações da olaria, José Sebastião apresentou a forma de produção que ainda preserva as características artesanais – a madeira para ser usada no forno, os moldes para tijolo, os tijolos crus secando em galpões de alvenaria e telhado baixo e o forno onde se queima os tijolos.

No lado externo da olaria, os tijolos vermelhos após a queima completam a paisagem que remonta à década que as olarias e cerâmicas ditavam a produção ceramista em Alagoas. "A gente alimenta o forno com a

madeira, coloca pra queimar, deixa queimando, vai até no teto o fogo, depois a gente retira o tijolo pronto". É assim que ele descreve o final do processo de produção. A olaria de José Sebastião, junto às dos artesãos remanescentes, é sem dúvida o último reduto da bela história de trabalhadoras e trabalhadores que serenaram noites a fio e, junto com as próprias cerâmicas e olarias, formaram os alicerces que se preservam até hoje nos símbolos e na memória do cidadão satubense – "lembrando seus antepassados, Satuba vamos exaltar", assim diz o hino desse município alagoano surgido do barro e que precisa ser oficializado como patrimônio material e histórico da produção ceramista em Alagoas e no Nordeste.



Este é um trabalho de conclusão de curso (TCC) de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, finalizado em 2020.

**TEXTOS, FOTOS E PROJETO GRÁFICO**

JORGE FILHO

**DIAGRAMAÇÃO**

JULIANA AMARAL

**ORIENTAÇÃO**

JANAYNA ÁVILA